



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

O ENSINO DE GEOGRAFIA E SEUS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS (EJA) EM SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ, MURITIBA/BA

Bruna Souza Silva

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

brunasouzasilva01@hotmail.com

RESUMO

O objeto de estudo dessa pesquisa é a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no distrito de São José do Itaporã, Muritiba, BA. Objetiva-se compreender a prática pedagógica do professor de Geografia na Educação Jovens e Adultos e os desafios encontrados pelo mesmo, observando as estratégias utilizadas para ensiná-los em meio as diferenças econômicas, sociais e culturais dos estudantes. Os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa foram, coleta de dados, no site do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, levantamentos bibliográficos, entrevista realizada com a professora do Ensino Fundamental II. A pesquisa ainda está em andamento, contudo, alguns resultados parciais já são possíveis de análises, refletindo a realidade da EJA, e desenvolvendo estratégias de ensino a partir das linguagens geográficas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, EJA, Prática Pedagógica.

Introdução

Ocupar o espaço escolar atualmente tem sido mais fácil para os estudantes do ensino regular, pois segundo a Lei nº 12.796/2013 é obrigatório toda criança a partir dos quatro anos de idade está matriculada na escola. Porém, tem uma faixa etária de estudantes jovens e adultos que essa lei não contempla, que são os que têm idade acima de 17 anos. Mas a Lei 9.394/96 garante educação a todos que não foram alfabetizados na idade própria.

Desta forma, é pertinente investigar a respeito da EJA (Educação de Jovens e Adultos), considerando a importância da escolarização para todas as pessoas. Entretanto, pela abrangência do tema e as várias possibilidades de estudos nesse campo, a proposta de trabalho delimitou apenas a Geografia. Objetivou-se compreender a prática pedagógica do professor de Geografia na Educação de Jovens e Adultos e os desafios encontrados pelo mesmo, observando as estratégias utilizadas para ensiná-los em meio às diferenças econômicas, sociais e culturais dos estudantes.

Está sendo realizada na Escola Catulino Manoel de Oliveira, localizada no município de Muritiba, Bahia, no distrito de São José do Itaporã, com os estudantes do ensino fundamental II, das séries do 6º ano (3º ciclo) e 8º ano (4º ciclo). A pesquisa está em andamento, assim, os procedimentos metodológicos utilizados nessa etapa foram, levantamento bibliográfico e uma entrevista semi-estruturada realizada com a professora das turmas. Visto que, essa etapa da pesquisa foi realizada num período pré-eleitoral e de prova dos estudantes.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender as dificuldades e desafios encontrados pelo professor de Geografia ao ministrar aulas em salas com estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Pode-se afirmar que toda sala tem sua complexidade específica e é preciso estar atento a isso. Nas turmas da EJA tem-se um público diferenciado, por conciliar, muitas vezes, estudo e trabalho. Estudantes que por razões diversas não terem realizado o curso anteriormente, em idade regular. Seja por dificuldades de aprendizagens, que os levaram a repetência, ou por razões de evasão, forçada pelo contexto econômico, social e cultural desses estudantes. O fato é que o retorno à escola é um desafio para o estudante e também para o/a professor/a. Esse profissional tem que realizar aulas, tornando o espaço da sala de aula um lugar de acolhimento para que as aprendizagens ocorram. Isso requer um trabalho diferenciado, com qualidade, mas condizente com a realidade da EJA. Contudo, as condições de trabalho

docente, entre outras razões, impedem muitas vezes, pensar, propor aulas adequadas a esse público, o que faz com que tenhamos o mesmo planejamento de aulas do Ensino Regular e da EJA. As aulas de Geografia não estão fora desse contexto. Será que o/a professor/a utiliza as linguagens geográficas adequadas para as turmas da EJA?

Um pouco de história

A educação brasileira tem sido alvo de muita discussão, principalmente nas universidades, nos cursos de licenciatura. A população devido ao avanço tecnológico está cada vez mais sentindo necessidade de aprender, e assim a EJA, tem tido uma grande importância neste campo. Pois a Educação de Jovens e Adultos busca formar pessoas que não completaram o ensino fundamental e médio no tempo regular. Para compreender a realidade local, da cidade de Muritiba, analisaremos também os dados da Bahia e do Brasil nos anos de 2010 e 2015, referentes ao número de matriculados na EJA.

No Brasil, em 2010 segundo dados do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 3.642.513 (três milhões seiscentos e quarenta e dois mil quinhentos e treze) estudantes tinham sido matriculados na Educação de Jovens e Adultos, na modalidade de ensino Presencial, sendo Ensino Fundamental, parcial e integral e Ensino Médio, parcial e integral. Na Bahia, 436.267 (quatrocentos e trinta e seis mil, duzentos e sessenta e sete) estudantes tinham sido matriculados no Ensino Fundamental, parcial e integral e Ensino Médio, parcial. E em Muritiba, 858 (oitocentos e cinquenta e oito) estudantes tinham sido matriculados no Ensino Fundamental e Médio parcial.

Já em 2015, o número de matriculados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, foi 2.792.758 (dois milhões setecentos e noventa e dois mil, setecentos e cinquenta e oito) estudantes, no Ensino Fundamental e Médio. Na Bahia, 357.803 (trezentos e cinquenta e sete mil, oitocentos e três) estudantes foram matriculados no Ensino Fundamental e Médio. E em Muritiba 602 (seiscentos e dois) estudantes foram matriculados no Ensino Fundamental e Médio.

Fazendo uma análise desses dados observa-se que o número de estudantes matriculados nas três esferas: nacional, estadual e municipal, teve um decréscimo. Surgem assim questionamentos para uma reflexão a cerca desse decréscimo. Será que a Educação de Jovens e Adultos já atingiu um número máximo de estudantes que necessitam de formação? Ou quais motivos que levaram esses estudantes a deixarem de se matricular? A redução da

matrícula de jovens e adultos já seria consequência da redução da taxa de natalidade? Ou de políticas públicas de permanência das crianças na escola, o que proporcionaria, nos anos seguintes, em uma população jovem e adulta mais escolarizada? A população jovem e adulta não escolarizada não tem interesses para o retorno a escola? Ou faltam políticas públicas que os incentivem ao retorno e permanência na escola para a população jovem e adulta? Questionamentos que trazem uma reflexão crítica a cerca dessa temática da Educação de Jovens e Adultos. Porque se retornarmos ao processo histórico do Brasil, há de se compreender que os jesuítas foram os primeiros a catequizar, e assim, o Brasil passou por três fases: Brasil Colônia (1500 a 1822), Brasil Império (1822 a 1889) e Brasil República (de 1889 aos dias atuais). Isso remonta a pensar que num certo período a população começou a ter acesso à escola, mas era parte da população que era branca, livre e que tinha condições financeiras. A outra parte da população era negra, escrava, sem condições financeiras, sua opção era trabalhar no espaço rural, onde não necessitava saberes como ler e escrever. Após todos esses processos e mudanças no Brasil, a partir da sua sétima Constituição Federal e com a criação da Lei nº 9.394 Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o âmbito da educação começa a mudar um pouco,

“A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), bem como a Lei nº 9.394, denominada Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996 (BRASIL, 2001), estabelecem que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. De acordo com o Inciso I, do Art. 4º da LDB, o ensino fundamental é obrigatório e gratuito, sendo sua oferta garantida também para os que não tiveram acesso na idade própria, ou seja, àqueles que não tiveram oportunidade de frequentar a escola quando ainda crianças e/ou adolescentes” (BRASIL, 2001 apud Borges, 2008, p. 6.).

Assim, entra em ação a Educação de Jovens e Adultos para suprir essa necessidade da população. Esses estudantes da EJA são pessoas em sua grande maioria que tem uma luta diária de trabalho, que tem família, que parcialmente não tem acesso a muitas tecnologias e que possui uma grande informação através de atividades do cotidiano e mídias como televisões e rádios. Foi a parte da população que no processo histórico brasileiro não teve acesso à educação, foram os excluídos e que hoje lutam por um futuro melhor. Porém em 1991, o então Ministro da Educação, José Goldemberg afirmou:

“O adulto analfabeto já encontrou seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização. Alfabetizar o adulto não vai mudar muito sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar.

Vamos concentrar os nossos recursos em alfabetizar a população jovem. Fazemos isso agora, em dez anos desaparece o analfabetismo” (Jornal do Comércio, 1991 apud DI PIERRO, 2000, p. 100 apud Borges, 2008, p.8).

Como pode uma autoridade da educação pensar dessa forma? A educação é garantida a todos, inclusive aos jovens e adultos por Lei Federal. O adulto tem seu lugar no espaço sim, tem direitos e deveres sim e a EJA está aí para formar jovens e adultos que almejam um futuro melhor. Pois através dessa modalidade de ensino muitas pessoas têm ingressado nas universidades, inclusive nas universidades públicas federais e estaduais. Assim, a seguir refleti se um pouco acerca do ensino de Geografia na EJA.

Eja e ensino de Geografia

Pensar o ensino de jovens e adultos no Brasil, tem-se uma visão da negação dos direitos dos cidadãos, devido ao próprio processo de colonização do Brasil, onde muitos tiveram inicialmente o acesso negado à escola, principalmente grupos “formados por negros, índios, pobres e desempregados, isto é, grupos historicamente excluídos” (BERNARDINO e GISI, 2006, p. 321). Porém, esses direitos têm sido alcançados com a criação de programas e políticas públicas para essa população, porém, muitos com o interesse econômico. Educar para que essa população venha servir ao desenvolvimento econômico.

“A educação de jovens e adultos é uma realidade de negação de direitos, e de exclusão porque ao analisar-se a sua história no Brasil, percebe-se que sua inserção nas políticas e programas sempre esteve em função de interesses relacionados ao desenvolvimento econômico e não o de promover a plena cidadania e a humanização desses sujeitos. São pessoas que não tiveram a possibilidade, o direito e os meios para se integrarem nessa nova sociedade e por isso foram excluídos por ela” (BERNARDINO e GISI, 2006, p. 321).

Ainda, pode-se pensar a exclusão diante aspectos políticos e culturais, onde a não aceitação desses fatores, o não respeitar a diversidade, muitas vezes de uma minoria de estudantes, faz com que muitos se sintam excluídos do processo de escolarização.

“Sobre a Educação de Jovens e Adultos pode-se salientar que formação da sociedade brasileira é baseada na dominação política e econômica, assegurada pelo uso da violência contra as minorias, originando um grupo social excluído. A nossa história é a história da negação do povo e de sua cultura, a escola é elitista, excludente e seletiva” (ROSA e LUTHER, 2009, p. 02).

Diante desse contexto, os estudantes da EJA formam um grupo social excluído e a escola é elitista, excludente e seletiva. O que o professor de Geografia na sua prática pedagógica pode fazer para mudar essa realidade? Sabendo ainda que o professor deve pensar: Para quem ensinar? Para que ensinar? Como ensinar? A Geografia sendo uma ciência muito ampla onde se encontra uma diversidade de temáticas para serem trabalhadas em sala de aula, o professor deve encontrar a melhor maneira de mediar esses conhecimentos de forma dinâmica.

O professor, assim seja possível, deve conhecer as diferenças econômicas, sociais e culturais dos seus estudantes, adequando seu planejamento à essa realidade, pois isso facilitará seu processo de ensino-aprendizagem. Lopes traz Gasparin (2005) fundamentando uma proposta baseada na teoria Histórico-cultural de Vigotsky, onde o autor apresenta cinco passos para tentar romper com a repetição e a memorização das escolas, dando ênfase aos conhecimentos trazidos de casa e estimulando a complementação desses saberes. O primeiro é a Prática Social Inicial, onde o estudante deve sentir estímulo e respeito, por parte do professor, assim ele falará o que entende e deseja aprender do conteúdo, com isso, inicia-se as discussões. A partir das discussões apresentadas pelos estudantes, o professor passará para o segundo passo, que é a Problematização. A Problematização é um momento muito importante, pois é onde vai despertar ou não o interesse dos estudantes pelo conteúdo, o professor levantará perguntas para gerar participação dos estudantes e haver uma troca de conhecimento entre eles e o professor. Assim, destaca-se o que precisa ser estudado e aprofundado, para que o estudante faça ponte com a sua realidade. Mas para que o estudante faça essa absorção, ocorre o terceiro passo, o da Instrumentalização, onde na mediação o professor levará ao estudante, o prático e o teórico do conteúdo. O quarto passo, ocorre a Cartase, onde o estudante se apropria do conteúdo, juntando os conhecimentos trazidos de casa com os científicos, ocorrendo a transformação social, assim, fica mais fácil dele compreender sua realidade. E no quinto passo, é o momento da Prática Social Final, onde o estudante vai colocar seus conhecimentos em prática, entendendo a realidade de forma diferente e sendo capaz de transformá-la. Tendo conhecimento de quem são seus estudantes e suas perspectivas em relação aos estudos, conseguirá minimizar as diferenças econômicas, sociais e culturais, com a efetivação do seu planejamento, pois os estudantes irão se sentir acolhidos e a vontade no processo de ensino-aprendizagem, devido a já terem uma vivência e trazerem muitos conhecimentos de mundo. O professor conseguirá realizar um trabalho com

um grupo dito excluído, mas de forma com que eles se sintam importantes socialmente. Fará da sala de aula um lugar acolhedor, interessante ao ponto deles perceberem a necessidade de se estudar cada assunto e aplica-lo na prática, onde todos tenham vez e voz, fazendo com que os estudantes se sintam integrantes e sujeitos no processo escolar. Assim, conhecendo para quem ele vai ensinar, facilitará o trabalho em grupo.

Percorrendo esse caminho de deixar a sala de aula agradável, o professor partirá para o ponto de assegurar aos estudantes o conhecimento da ciência geográfica. E para isso, deverá proporcionar aulas de Geografia dinâmicas, interessantes, a partir das vivências e experiências dos estudantes. Outros momentos instigando-os a ver, ler e interpretar o lugar/mundo seja através dos pés que pisam, os olhos que veem ou tomando empréstimos as lentes de outros, com as notícias, imagens veiculadas nas mídias, redes sociais, jornais e revistas, e as categorias e os conceitos da Geografia. Sempre atentos para, se necessário for, fazer outras releituras. É preciso dar ferramentas para que os estudantes percebam a Geografia na realidade que os cerca, pois:

“A Geografia está no cotidiano, bem como o cotidiano está inserido na Geografia, pois produzimos Geografia diariamente, mesmo que de forma inconsciente, em cada atividade efetuada no espaço geográfico: ir ao trabalho ou à escola, mapeando mentalmente o caminho (mapas mentais/localização/orientação); fazer compras na feira livre ou supermercado e perguntar/olhar o rótulo sobre a origem dos produtos (agricultura/indústria/comércio/circulação e transporte); assistindo um telejornal e observando os mapas apresentados nas reportagens ou na previsão do tempo (escala/clima), torcendo pelo time preferido na televisão ou num estádio (território/geopolítica/geoestratégia), dentre outras atividades cotidianas em que a Geografia se faz presente e pode/deve nos auxiliar na apreensão da realidade” (Souza e Queiroz, 2012, p.114).

Os estudantes jovens e adultos ao terem aulas de Geografia contextualizadas, com utilização das ferramentas para contribuir na apreensão dos conteúdos, auxiliando de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem e, por sua vez, no seu mundo além dos muros da escola. Para Lopes (2015, p.64) “o principal papel da disciplina é que, após apropriar-se de seus conceitos e conhecimentos, o aluno adulto possa utilizá-los em seu benefício, seja, profissional ou pessoal, uma vez que isso é possível”.

Assim, sensibilizando-os do quanto é importante a Geografia e que ela percorre seu dia a dia, no âmbito econômico, social, político, cultural, enfim está presente em todos os acontecimentos, o estudante passará a compreender a importância da ciência geográfica e passará a estudá-la com mais prazer. Pois a Geografia é uma ciência que estuda a relação

sociedade-natureza, encaixando-se em todos os acontecimentos, a partir do ponto crítico que se olha. E o professor terá mais possibilidades de avançar na construção dos conhecimentos, devido a ambos (professor e estudantes) saberem a importância da Geografia em suas vidas.

Agora, o professor deve pensar como ensinar Geografia? Quais materiais usar? Quais métodos aplicar? Sabe-se que na universidade os assuntos da Geografia Acadêmica são passados de forma muito ampla, com muito embasamento teórico, e que na hora de ensinar a Geografia Escolar, o professor tem que usar da mediação do conhecimento para passar esse embasamento teórico de forma mais simplificada, a fim de facilitar a compreensão dos estudantes, principalmente da EJA. Pois os livros didáticos trazem muita teoria, porém o professor em seu planejamento deverá analisar o método mais fácil da compreensão dos conteúdos, pelos estudantes, não deixando de leva-los também a prática dos mesmos.

Muitos estudantes chegam ali na sala de aula, sem noções básicas, devido ao seu processo histórico, outros têm noções de alguns assuntos devido a telejornais, revistas, entre outros. Mas esses conhecimentos prévios devem ser trabalhados adequadamente, no intuito de despertar a criticidade dos estudantes. “O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se” (FREIRE, 1996, p. 24). O professor ele desenvolve o papel de mediador com os estudantes, assim ele deve estimular esses estudantes a desenvolver uma criticidade diante dos contextos.

Desenvolver aulas dinâmicas, onde todos os estudantes interajam é um grande desafio aos docentes. Principalmente para estudantes da Educação de Jovens e Adultos, devido à carga de trabalho diária, muitas vezes os estudantes chegam cansados nas aulas e também devido a eles terem uma visão diferente dos alunos da educação regular, devido a terem uma faixa etária diferente, já terem maturidade para compreender as coisas mais fáceis ou não e a terem as vezes conhecimento prévio dos conteúdos. Portanto, é imprescindível um programa diferenciado, adequado a esse contexto estudantil, sem por isso desvirtuar dos objetivos do ensino da Geografia, conforme nos alertam Souza e Queiroz (2004, p.26).

:

De qualquer forma, é indiscutível que podemos e devemos trabalhar a Geografia de formas variadas – mais dinâmicas e instigantes, e também em diversos lugares, fazendo nossos alunos perceberem a importância e a contribuição de tal ciência em suas vidas e para a apreensão e a transformação da realidade imposta.

Esses autores ainda complementaram com as palavras de Silva, o qual afirma que:

Geografia se ensina/aprende na escola, mas pode ser também ensinada/aprendida na praça, na associação, no sindicato e em outros locais, justamente porque é disciplina que contribui para a educação geral, para o entendimento da realidade. Sejam então pretensiosos, sejam educadores-geógrafos e não meros transmissores de um saber dito verdadeiro (2004, p.26).

Um método dinâmico de trabalhar é fazendo o uso das diversas linguagens. Usar a música, o cinema, a cartografia, a charge, a mídia, a literatura e a fotografia são meios de deixar as aulas mais dinâmicas e prazerosas para os estudantes. Pois como a ciência geográfica é muito ampla dá esse leque de oportunidades de se trabalhar com diversas linguagens, porém, cada recurso deve ser utilizado dentro do contexto correto, para que não fuja do tema abordado.

Então a utilização dos recursos adequados na Geografia, fazendo o uso de diversas linguagens, contribuirá para novas possibilidades de aprendizado, despertando a criticidade dos estudantes, fazendo-os enxergar a Geografia que os mesmos já vivenciam nos lugares que transitam. Dessa forma, acredita-se que eles construam uma ampla visão de mundo, não fiquem apenas reproduzindo ideias.

Entrevista e propostas

Voltando a analisar os dados obtidos no site do Inep, observamos que comparando 2010 e 2015 houve um decréscimo de 256 matrículas em Muritiba, assim, questionamos as possíveis causas desse resultado. Os estudantes devido ao seu meio de vida econômicos e sociais têm apontado desinteresse nos estudos. Um ponto abordado pela professora é a frequência desses estudantes, normalmente os mesmos não frequentam as aulas diariamente, vem um dia outro não, alegam estarem cansados, que trabalharam o dia inteiro, entre outros motivos, só aparecem com frequência nos dias de prova, quando ela questiona, eles respondem: “ah professora hoje é prova, o que importa é a nota”. Assim, observa que há dificuldade de trabalhar com esses estudantes como relata a professora:

É um pouco difícil porque há muitos alunos da EJA que desistiram de estudar a muito tempo, nunca viram alguns assuntos anteriores daquela série, então quando eu vou naquela série dar tal conteúdo ai fica bem mais difícil porque eles não viram assuntos anteriores.

Aí fica o questionamento, como eles não conhecem os assuntos e só vão fazer as provas? Qual resultado dessas provas? Tendo consciência que uma estratégia para deixar as

aulas mais dinâmicas e interessantes para atrair os estudantes para as aulas são as linguagens, a professora comentou:

Eu como professora de Geografia costumo utilizar mapas mundi, o hemisfério, dando a noção de espaço, de lugar, olha aqui é o nosso lugar, coisas assim. E como estratégia de aula eu tento passar pra eles a maneira mais fácil de aprender Geografia. Utilizo as linguagens mais fáceis possíveis.

Diante do contexto local, a professora utiliza métodos e recursos de fácil compreensão para ensinar Geografia, principalmente a linguagem cartográfica, dando aos alunos noções básicas. Porém, diante de tantas linguagens e conteúdos riquíssimos, ela poderia trazer novas possibilidades de conhecimento aos estudantes. A exemplo do contexto atual, num período pré-eleitoral, utilizar de charges, músicas, meios inovadores para trazer esse conteúdo para a realidade dos estudantes.

Devido à política local, ser de uma disputa muito acirrada, os estudantes que ali estavam pra fazer a prova diziam: “vamos professora, passa logo a prova, que nós vamos para caminhada”. No meio de todos esses movimentos, qual linguagem ela poderia trazer como possibilidade inovadora e crítica de ensinar política, democraticamente aos estudantes? De forma que ela não influenciasse os estudantes qual partido melhor, mas criticamente passasse o conteúdo e atraíssem eles à aula.

Um exemplo é a charge a seguir:

FIGURA 1 - Realidade local momentânea!



Fonte: <http://jornalestancia.com.br/noticias/?p=14153>. Acesso: 03 de setembro de 2016.

Ela traz a realidade local, mostra o discurso dos partidos que na época faziam suas campanhas. A professora trazer esse recurso para sala de aula, num momento daquele, acredita-se que conseguiria prender a atenção dos estudantes e geraria uma discussão muito enriquecedora. Passar para eles a importância de uma campanha limpa, que ao eleger um governante, está passando toda responsabilidade do município para ele e se ele vende seu

voto, seu compromisso com aquele governante já não existe mais, pois ele já pagou o seu voto, posteriormente você não tem mais o que cobrar dele. E com isso, ela estaria utilizando uma linguagem que mostraria a realidade social local, trabalhando um conteúdo geográfico, e mostrando a importância da Geografia no seu cotidiano.

Trazer novas possibilidades de aprendizagem para os estudantes através das linguagens é muito importante, pois propicia ao estudante a chegar mais perto da sua realidade, através do seu contexto social, é mostrar para ele que a Geografia se faz presente no seu cotidiano, e levar esse estudante a pensar de forma crítica. De forma que ele tenha condições de debater um tema de forma coerente, com segurança, pois o estudante da EJA tem maturidade para compreender e, conseqüentemente, atingir o aprendizado, tornando-se um multiplicador de conhecimentos além da sala de aula.

A prática pedagógica voltada para os discentes da EJA, deve ser baseada na realidade social, econômica e cultural dos mesmos. Por exemplo, cada assunto trabalhado fazer a ligação com essa realidade que é diferente de estudante pra estudante, e as linguagens oferecem esse suporte.

Agora, voltando para o contexto da escola, ao perguntar, se a escola atende a necessidade das estudantes e oferece o suporte necessário para as aulas, a professora respondeu: “Sim, tem materiais. O que eu acho essencial para trabalhar com Geografia, mapa, dicionários, livros didáticos, tem tudo”. E referente à estrutura física, observou-se que há carteiras, mesas e quadros em todas as salas; computadores e impressoras na secretaria disponível para professores, e mais o material que ela acha essencial. É importante também destacar que todas as noites os estudantes recebem lanche antes das aulas. Com isso, fica mais evidente que a professora não se preocupa em utilizar muitos recursos tecnológicos e métodos inovadores, deseja o aprendizado dos estudantes, porém não renova seus métodos.

Conclusão

Ao finalizar essa etapa da pesquisa, conclui-se que a prática pedagógica da professora ainda é tradicional, pois ela não utiliza muitos métodos para ensinar. Por exemplo: utilizar diversas linguagens geográficas e recursos tecnológicos para ensinar. Preocupa-se em ensinar todos os conteúdos, porém sem preocupar-se tanto em levar intervenções para a realidade dos estudantes e que eles cumpram todas as atividades. Limitando assim, até certo ponto, o conhecimento dos estudantes.

Assim como, as dificuldades e desafios encontrados pela mesma é a frequência dos

estudantes e a falta de conhecimento de assuntos pré-requisitos entre outros. Tendo que encontrar métodos simplificados para ensinar, daí fazendo uso apenas da linguagem cartográfica, a fim de localização. Ainda em meio a diferentes realidades culturais, sociais e econômicas, ela não mostrou estratégias para essas situações. Pois devido a escola ter uma estrutura física adequada para a realidade local e ter os materiais didáticos necessários para o ensino da Geografia, segundo a professora, dentre esses ela teria condições de levar inovações e atrativos para a sala de aula. Porém compreende-se a prática pedagógica da professora como boa, por que mesmo ela não utilizando muitas tecnologias e encontrando muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, ela conseguiu desenvolver seu trabalho e no final do ano letivo deixar uma semente plantada em cada estudante, tendo uma nova ótica sobre a Geografia.

Espera-se deixar com esse trabalho reflexões de como o professor da EJA possa lidar com as questões culturais, econômicas e sociais dos estudantes, pensar estratégias de fazer com que tenham mais vontade de participar diariamente das aulas. E usar das linguagens, procedimentos inovadores e enriquecedores para aproximar mais os estudantes a sua realidade.

Como a pesquisa está em andamento, ainda não se alcançou completamente o objetivo, assim, posteriormente, serão feitas observações direta das aulas e entrevista com os estudantes, para saber o ponto de vista deles, as relações sociais no ambiente escolar e comunitário como acontece. Além de observar o aprendizado desses estudantes.

Referências

BERNARDINO, Adair José; GISI, Maria Lourdes. Educação de jovens e adultos: Novos tempos, velhos atores – desafios frente à globalização. *Anais educere*, 2006, p. 319-327.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte, novembro de 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. EGA, 1996.

INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 03 de setembro de 2016.

LOPES, Fernanda Brum. *Estratégias para o ensino de Geografia na educação de jovens e adultos*. 2015.

LOPES, Rita de Cássia Soares. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. Disponível em: < www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2016.

MANTOVANI, Rita. Nossa Política. <http://jornalestancia.com.br/noticias/?p=14153>. Acesso em: 03 de setembro de 2016.

NETO, Fernanda Borges. A geografia escolar do aluno EJA : caminhos para uma prática de ensino. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Minas gerais, 2008.

RODRIGUES. Leude Pereira, et al. O tradicional e o moderno quanto à didática no ensino superior. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.4, n.3, Pub.5, Julho 2011.

ROSA, Pedro Senna da; LUTHER Alessandra. O ensino de geografia na educação de jovens e adultos à luz da pedagogia anarquista. 10º Encontro nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Onildo Araújo da. Geografia: metodologia e técnicas de ensino. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004.

SOUZA, Hanilton Ribeiro; QUEIROZ, Patricia Pires. O Cotidiano na Geografia, a Geografia no Cotidiano: as múltiplas linguagens no ensino e na aprendizagem. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). Cartografia, Cinema, Literatura e Outras Linguagens no Ensino de Geografia. 1.e. – Curitiba, PR: CRV, 2012.